**Dr. David Turner, Matthew   
Lecture – 3A – Mateus 5:1-16: O Sermão da Montanha I: Introdução e as Bem-Aventuranças**

Olá, aqui é David Turner. Bem-vindos à Aula 3A, nossa aula introdutória sobre o Sermão da Montanha e as Bem-Aventuranças. Observem que vocês têm materiais suplementares para esta aula nas páginas 12 a 14 dos materiais suplementares da aula.

Introdução ao Sermão da Montanha. Precisamos pensar no Sermão da Montanha sob dois ou três ângulos aqui, começando pela sua historicidade. O Sermão da Montanha não aparece como um sermão isolado em Marcos, e aparece apenas parcialmente em Lucas.

Isso está em Lucas 6:17 a 7:1. Existem várias teorias para explicar essa variação entre os Evangelhos sinóticos. Alguns acreditam que Mateus criou este sermão a partir de tradições, fontes documentais e de sua própria engenhosidade, para que o sermão não pudesse ser atribuído ao Jesus histórico. Nessa visão, o sermão provém totalmente de Mateus, e não de Jesus.

Essa visão é inaceitável para os cristãos evangélicos, pois tende a tornar os Evangelhos invenções a-históricas, inventadas estritamente por razões teológicas. Uma segunda visão é que Mateus criou a estrutura do sermão reunindo vários ensinamentos do Jesus histórico, originalmente proferidos em diferentes épocas e locais. Muitos evangélicos defendem essa visão.

Mas isso não será seguido aqui, porque a narrativa de Mateus claramente coloca o sermão entre parênteses com indicadores de um tempo e lugar específicos em que o sermão ocorreu. Esses marcadores históricos, 5:1 e 2, e 7:28 a 8:1, devem ser ignorados ou considerados fictícios para que se possa adotar esta segunda visão. Em uma terceira visão, Mateus registra com precisão a essência, ou a abscissa novox, a própria voz de Jesus, de um sermão histórico que ele de fato proferiu.

Em outras palavras, não temos nenhum memorando do sermão. Não temos uma fita de áudio. Não foi gravado em vídeo.

Mateus nos oferece um resumo confiável. Ele não acrescenta suas próprias noções e nos apresenta as partes importantes. Ele resume e nos dá a essência do texto.

A abscissa novox é latina, o que significa que a própria voz de Jesus é encontrada neste sermão. No entanto, foi redigida por Mateus, e sua forma literária atual é atribuída a ele. Uma visão final, e a mais conservadora, é, naturalmente, a de que Mateus nos dá uma abscissima verba exata e completa, palavra por palavra, as próprias palavras, literalmente, por assim dizer, de Jesus.

É como se fosse uma transcrição taquigráfica ou uma fita de áudio do sermão exato que Jesus proferiu. Ambas as duas últimas visões são defendidas por evangélicos conservadores, mas a terceira visão é altamente preferível por razões relativas ao gênero dos Evangelhos e à transmissão histórica dos ensinamentos de Jesus. Um relato autêntico de um evento histórico não precisa envolver uma transcrição palavra por palavra, e é difícil conceber como tal transcrição poderia ter sido compilada, muito menos transmitida ao provável autor Mateus, que ainda não era discípulo de Jesus, de acordo com 9.9. Em vez disso, neste sermão, temos um resumo confiável do que Jesus disse, um relato que traz as marcas de um editor.

O fato de certos ditos do sermão de Mateus ocorrerem em outros contextos em Marcos e Lucas se deve evidentemente à repetição de temas-chave por Jesus em seu ministério itinerante. Agora, vamos à estrutura literária do sermão. Observe a página 13 em conjunto com o que estou prestes a dizer aqui, que está delineado na página 12 do seu material.

Após sua narrativa singular da infância de Jesus em Mateus 1 e 2, Mateus desenvolve o corpo do seu Evangelho em cinco blocos de discurso e material narrativo. O primeiro bloco abrange os capítulos 3 a 7, o segundo, os capítulos 8 a 10, o terceiro, os capítulos 11 a 13, o quarto, os capítulos 14 a 18, e o último, os capítulos 19 a 25. Ele conclui seu Evangelho com o relato da morte, ressurreição e mandato missionário de Jesus nos capítulos 26 a 28.

As cinco seções do corpo de Mateus, portanto, enfatizam alternadamente as obras e as palavras de Jesus, e são divididas pela frase-chave "ocorreu quando Jesus terminou", que ocorre no final de cada um dos discursos. Já discutimos isso mais detalhadamente na introdução. O discurso que chamamos de Sermão da Montanha em Mateus 5 a 7, portanto, deve ser visto como o ensinamento ético representativo de Jesus, desenvolvendo a declaração resumida de 4:23, que apresenta um complexo de palavra-ação.

Assim, 4:23 e o resumo semelhante em 9:35 fornecem uma estrutura, ou um suporte, para o ministério de Jesus de ensinar e realizar milagres. Seus ensinamentos são representados de 5 a 7, e seus milagres em 8 e 9. Tanto as palavras quanto as obras demonstram a autoridade do reino dos céus. 7:28-29 para as palavras, 9:6-28 para as obras.

O Sermão da Montanha é difícil de descrever, mas pode ser estruturado da seguinte forma, e o ilustramos na página 13. Há uma estrutura narrativa no início que coloca Jesus na montanha, sentado, ensinando seus discípulos. Essa estrutura narrativa no início do sermão é complementada pela estrutura narrativa no final, que mostra o espanto das multidões diante do ensinamento autoritário de Jesus.

As Bem-Aventuranças podem nos servir como introdução aos traços de caráter dos discípulos, aqueles que se arrependeram com a pregação do Reino e que buscam viver de acordo com seus padrões. O corpo do sermão propriamente dito começa em 5:17 e termina em 7:12, onde há outra inclusio, ou seja, um fechamento, que é formado pela referência à lei e aos profetas. Jesus anuncia sua relação com a lei em 5:17-20. Então, em 5:21-48, ele a explica mais claramente com seis contrastes específicos.

Em seguida, ele se volta para as práticas religiosas hipócritas versus genuínas em 6:1-18, o materialismo e a ansiedade em 6:19-34, o discernimento espiritual em 7:1-6 e a oração em 7:7-11. A declaração resumida final em 7:12 completa este tema de obediência à lei e aos profetas, iniciado em 5:17. A conclusão do sermão é 7:13-27, onde há três contrastes proferidos de forma muito vívida, indicando que precisamos dar uma resposta correta aos ensinamentos de Jesus. Precisamos seguir o caminho estreito. Precisamos evitar os frutos ruins, os falsos profetas, as árvores ruins, isto é, precisamos construir nossas vidas sobre o sólido fundamento das palavras de Jesus Cristo.

Principais abordagens interpretativas ao Sermão da Montanha. Certamente, há uma infinidade de abordagens interpretativas a este sermão, conforme documentado no livro de Warren Kissinger, publicado em 1975. Podemos mencionar apenas algumas dessas abordagens aqui.

Intérpretes dispensacionalistas tradicionalmente veem o sermão como lei judaica para o reino no futuro, não como um ensinamento gracioso, que é diretamente relevante para a Igreja. Esse ensinamento sobre o reino pode estar relacionado ao tempo do ministério terreno de Jesus, ou à tribulação futura, ou ao milênio. Essa visão pressupõe erroneamente que Mateus foi escrito para judeus.

Intérpretes luteranos também veem o sermão como lei, não como evangelho, mas acreditam que seus elevados padrões legais mostrarão às pessoas sua pecaminosidade e as atrairão à cruz para o perdão. Schweitzer, isto é, Albert Schweitzer, o famoso médico, via o sermão como uma ética para o supostamente curto período interino que Mateus concebeu entre os adventos de Jesus. Outros intérpretes, em todo o espectro de denominações e visões da escatologia, consideram o sermão como uma ética para os dias de hoje, mas divergem sobre se o sermão é uma ética meramente pessoal ou uma agenda a ser implementada por meio de processos políticos.

Uma visão aqui assumida é que o sermão certamente se constitui em ética pessoal para os seguidores de Jesus hoje. Não se trata, porém, de algo privado. Os seguidores de Jesus devem ser sal e luz neste mundo.

O Sermão da Montanha é o ensinamento autoritativo de Jesus sobre como os crentes devem viver hoje. Aqueles que se arrependeram ao ouvir o evangelho pregado por João e Jesus, 3:2 e 4:17, precisam saber como viver sob o governo salvador de Deus, o reino dos céus. Como crentes judeus, eles precisavam especialmente saber como os ensinamentos de Jesus se relacionavam com o Antigo Testamento e que sua justiça deve exceder a dos escribas e fariseus.

Eles precisavam praticar sua religião para a recompensa de Deus, não para a aprovação humana. Precisavam colocar as necessidades físicas e os bens materiais na perspectiva correta do reino. O discernimento espiritual e a oração também eram questões prioritárias.

Caso alguém estivesse ouvindo descuidadamente, sem desejo de obediência, era avisado para entrar pela porta estreita, evitar árvores infrutíferas e construir sobre a rocha. Em tudo isso, eles perceberam que a plena obediência a esses padrões seria alcançada na futura vinda do reino, capítulo 6, versículo 10. Isso nos servirá então como uma introdução ao Sermão da Montanha, nos capítulos 5 a 7. Agora, nos voltamos para a primeira seção principal do Sermão da Montanha: as Bem-Aventuranças.

Em primeiro lugar, a estrutura literária das Bem-Aventuranças. Ao todo, há nove Bem-Aventuranças de 5:3 a 12, mas a nona Bem-Aventurança, encontrada em 5:11 e 12, é, na verdade, uma expansão da oitava Bem-Aventurança de 5:10. Há alguns intérpretes, principalmente Davies e Allison em seu volume de 1988 sobre Mateus, que optam por uma estrutura com três conjuntos de três Bem-Aventuranças. Mas as primeiras oito das nove exibem uma estrutura paralela tão unida que é mais provável que as entendamos como dois conjuntos de quatro.

É isso que tentei ilustrar no folheto da página 14. As quatro primeiras bem-aventuranças, o primeiro conjunto, enfatizam a relação vertical dos discípulos com Deus. O segundo conjunto de quatro enfatiza a relação horizontal dos discípulos com as pessoas.

Ambas as relações ocorrem em uma atmosfera de opressão, e fica claro em ambas que os discípulos são perseguidos. Observe, então, na página 14, como a primeira e a última bem-aventuranças, 5.3 e 5.10, falam da presença do reino. Observe a conclusão em ambas: deles é o reino dos céus.

Mas todas as outras bem-aventuranças, de 5:4 a 5:9, usam o verbo no futuro na segunda metade da bem-aventurança. Observe como 5:4 e 5:9 são paralelos, 5:5 e 5:8 são paralelos, e 5:6 e 5:7 são paralelos, da maneira como os apresentamos. E se você observar as formas gramaticais, especialmente aqueles que têm alguma habilidade com o grego, poderá ver isso ainda mais claramente.

Portanto, a estrutura literária das Bem-Aventuranças é composta por dois conjuntos de quatro. Agora, passamos ao significado das Bem-Aventuranças e fazemos a pergunta principal: as Bem-Aventuranças devem ser entendidas e pregadas como requisitos que devemos cumprir para sermos admitidos no Reino, ou são as bênçãos que nos advêm com a crença em Jesus como nosso Messias? Inter-requisitos ou bênçãos escatológicas? Há duas visões contrastantes sobre o significado das Bem-Aventuranças, centradas em se elas devem ser entendidas como bênçãos graciosas do Reino ou como requisitos éticos de entrada. Robert Gulick é quem colocou dessa forma em seu livro sobre o Sermão da Montanha.

Se for o último, deve-se tentar desenvolver as características mencionadas aqui para que se possa obter a aprovação de Deus. Se for o primeiro, deve-se reconhecer com gratidão a graça de Deus, pois essas características são evidências da Sua graciosa atuação em nossas vidas, e devemos cultivá-las enquanto vivemos como discípulos de Cristo. Certamente, esta segunda visão está correta.

Aqueles que se arrependem diante da mensagem do reino, 3:2; 4:17, reconhecem sua falência espiritual e se regozijam com as bênçãos da salvação de Deus. As Bem-Aventuranças, então, revelam traços de caráter essenciais que Deus aprova em seu povo. Esses traços de caráter são dádivas graciosas que indicam a aprovação de Deus, não requisitos para obras que mereçam a aprovação de Deus.

No entanto, aqueles que se arrependeram devem cultivar essas características. Cada bem-aventurança contém um pronunciamento sobre quem é abençoado, respaldado por uma promessa sobre o porquê de tal pessoa ser abençoada. Deus não necessariamente endossa popularidade, o cumprimento das regras, posses, exibições espetaculares ou conhecimento.

As qualidades que Deus aprova são explicadas em dois conjuntos de quatro, descrevendo, respectivamente, aquelas relacionadas a Deus e aquelas relacionadas a outras pessoas. Observe como isso se assemelha a Mateus 22, versículos 37-40. Deus aprova aqueles que se relacionam com Ele admitindo sua pobreza espiritual e lamentando seus pecados, buscando humildemente a plenitude espiritual, 5:3-6. Ele aprova aqueles que se relacionam com os outros de forma misericordiosa e pura como pacificadores, mesmo que tais pessoas sejam perseguidas por seu comportamento justo, 5:7-12. A princípio, isso pode soar como uma espécie de piada cruel e sádica, apelando apenas para tipos masoquistas.

É como se Jesus estivesse dizendo que aqueles que são infelizes são felizes. Mas, na realidade, Jesus está mostrando o erro de uma vida superficial e egocêntrica. O realismo genuíno, não o falso otimismo, é a verdadeira felicidade para os seguidores de Jesus, pois os levará ao conforto supremo.

A espiritualidade radical das Bem-Aventuranças confronta diretamente diversas visões culturais da aprovação divina. Uma delas é que a popularidade entre os pares indica aprovação divina. Mas isso é claramente contrariado pela afirmação de que aqueles que são perseguidos pelos seus pares têm a aprovação divina, 5:10-12, 7:13-14. Outra visão equivocada é a de que alguém pode ter aprovação divina se simplesmente seguir um conjunto prescrito de regras.

Mas Jesus afirma que somente uma justiça que supere a mera observância de regras será suficiente para o seu reino, 5:20. Alguns diriam que a abundância de bens materiais é uma indicação do favor divino, mas, segundo Jesus , a preocupação com tais bens é antitética aos valores do seu reino, 6:19-21 e 33. A capacidade de realizar demonstrações milagrosas às vezes é associada à aprovação divina. Mas alguns milagreiros aprenderão no último dia que Deus não os reconhece como seu povo, 7:22-23. No mundo civilizado, a educação é valorizada.

Isso influenciou o cristianismo de muitas maneiras, incluindo sua visão sobre o clero. Mas, segundo Jesus, é preciso obedecer às suas palavras, não simplesmente conhecê-las, 7.26. Portanto, para concluir sobre as Bem-Aventuranças, os traços característicos do governo do reino são principalmente a humildade para com Deus e a misericórdia para com as pessoas. Pela graça de Deus, esses traços estão presentes, em princípio, na vida do povo de Deus.

No entanto, o povo de Deus deve cultivar essas características para que elas estejam realmente presentes. Em um mundo que valoriza o orgulho em detrimento da humildade e a agressividade em detrimento da misericórdia, os discípulos de Jesus são, nas palavras de Stott em seu livro "Contracultura Cristã", exatamente isso: contracultura cristã. Ao manterem esse testemunho contracultural para o mundo, os discípulos podem se voltar para seu mestre, que exemplificou perfeitamente os traços de caráter das Bem-Aventuranças.

Jesus era manso, observe 11:29. Jesus lamentou, 26:36-46. Somente Jesus cumpriu toda a justiça, 3:15, 27:4 e 19. Jesus certamente exemplificou a misericórdia, ao mostrá-la aos outros, 9:27, 15:22, 17:15 e 20:30-31. Acima de tudo, Jesus foi certamente a personificação de alguém que foi oprimido e perseguido. Portanto, à medida que os discípulos cultivam as graças contraculturais das Bem-Aventuranças, eles estão, na realidade, cultivando a semelhança com seu mestre, seu Senhor e Salvador, Jesus Cristo.

Agora, passamos das Bem-Aventuranças para Mateus 5, versículos 11-16. Para analisar esta seção, a estrutura é relativamente simples. A primeira parte, 5:11 e 12, é uma Bem-Aventurança que expande as implicações da Bem-Aventurança sobre a perseguição encontrada em 5:10. Quatro aspectos dessa expansão podem ser observados.

A Bem-Aventurança se torna mais pessoal com a mudança para a segunda pessoa. Não é mais "bem-aventurados aqueles que", mas "bem-aventurados sois vós". Em segundo lugar, a Bem-Aventurança se torna mais desafiadora com os mandamentos de nos alegrarmos durante a perseguição.

Em terceiro lugar, a Bem-Aventurança se torna mais racionalmente satisfatória pela menção do motivo da perseguição e de outros que foram perseguidos, ou seja, por causa da conexão com Jesus e similar à dos profetas. E, finalmente, a Bem-Aventurança se torna mais específica em termos da recompensa prometida. A segunda parte desta seção, em 5:13-16, aborda a questão do testemunho do reino em meio a um mundo opressor.

Este testemunho é descrito metaforicamente como sal no versículo 13 e como luz nos versículos 14-16. A metáfora da luz é ainda retratada como uma cidade proeminente no topo de uma colina, 5:14 , e uma lâmpada de óleo colocada sobre um pedestal alto, não debaixo de uma cesta, 5:15. Essas imagens auxiliam os discípulos em sua tarefa de iluminar o mundo, 5:16. O contexto desta breve seção é bastante interessante. Aqueles que se arrependem e se submetem ao governo de Deus em Cristo são aprovados por Ele como pessoas humildes e misericordiosas em sua relação com Deus, 5:3-6, e com outras pessoas, 5:7-10. Jesus explica em Mateus 5:11-16 que tais pessoas terão uma influência definitiva sobre este mundo de duas maneiras.

Isso deve pôr fim a qualquer noção de que o discipulado seja meramente uma questão privada entre uma pessoa e Deus. Primeiro, em 5:11-12, Jesus expande sua bem-aventurança sobre a perseguição, mencionada em 5:10, apontando que insultos e calúnias podem ocorrer devido à ligação de seus discípulos com ele. Quando isso ocorre, os discípulos estão em boa companhia com os profetas e podem esperar uma grande recompensa.

Assim, a influência dos discípulos no mundo será frequentemente desvalorizada e rejeitada. Em segundo lugar, em 5:13-16, Jesus usa duas imagens vívidas para falar da influência de seus discípulos. São elas: sal e luz; 5:13, sal; 5:14-16, luz.

Como sal, eles purificarão e preservarão sua sociedade somente se mantiverem sua salinidade. Mantém-se a salinidade cultivando os princípios da Bem-Aventurança que já discutimos. Como luz, suas boas ações resultarão em louvor ao Pai, se tão somente exibirem essa luz com destaque para que todos vejam.

Na seção seguinte, 5:21-48, Jesus explica como o cumprimento da lei e dos profetas impacta a vida ética dos discípulos. Eles devem aprender mais sobre o tipo de comportamento que constitui boas ações, que influenciam o mundo ao seu redor como sal e luz. Se a justiça deles deve superar a dos escribas e fariseus, como afirmado em 5:21, então eles precisam saber especificamente que tipo de justiça isso envolve.

E em 5:21-48, então, você tem algumas questões específicas que realmente os farão aparecer como sal e luz no mundo. Testemunhando para o Mundo, os discípulos de Jesus devem ser influentes para o reino, mesmo em meio a um mundo opressor. Sal e luz em 5:13-16 podem ser interpretados como implicando dois aspectos do testemunho no mundo.

Discípulos como o sal devem se misturar ao mundo para dar sabor, purificá-lo ou preservá-lo. Mas discípulos como lâmpadas devem permanecer distintos do mundo para iluminá-lo. O sal não tem valor se perder o sabor, mas o sabor não foi feito para ser guardado num saleiro.

Agora, parece-me que há uma tensão aqui com a qual os discípulos devem lidar. Tenho um amigo que é cristão reformado. Eu, pessoalmente, sou batista.

E ele me disse uma vez que sentia que os reformados se saíam melhor com a metáfora do sal e os batistas se saíam melhor com a luz. Com isso, ele queria dizer que os cristãos reformados, de modo geral, tendem a tentar se relacionar com o mundo como sal e transformar a cultura, enquanto os batistas tendem a ser separatistas e a tentar ser a luz colocada à parte em algum lugar no monte. Acho que precisamos ter ambas as imagens em mente para sermos eficazes.

Não podemos nos isolar do mundo, como alguns fundamentalistas, alguns batistas, tendem a fazer às vezes, tentando ser uma luz à parte. Precisamos nos envolver com o mundo. Precisamos ser como o sal que permeia a comida.

Mas o sal precisa manter sua pureza, ou perde o sabor e, portanto, não serve para nada. A terminologia de Mateus 5:13-16 fundamenta a ênfase de Mateus na missão universal da Igreja. Os discípulos de Jesus têm um papel a desempenhar no mundo, e foram graciosamente equipados para desempenhar esse papel pelas bênçãos escatológicas descritas nas Bem-Aventuranças em 5:3-10. A igreja que Jesus edificará, 16-18, é a agência pela qual o reino influencia a humanidade.

A terra inteira, compare 6:10, 9:6, 11:25, 16:19, 18:18-19, 28:18, deve ser salgada, e o mundo inteiro, compare 13:38, 24:14, 26:13, deve ser iluminado. É importante notar, então, que Jesus fala do sal da terra e da luz do mundo. Isso não é algo que fale de uma pequena comunidade escondida em algum canto.

A luz dos discípulos deve brilhar sobre as pessoas. Certamente, esta passagem deixa claro que o isolacionismo de alguns cristãos, mesmo que possa ostensivamente advir de motivos sinceros relacionados à manutenção da pureza ou ortodoxia da Igreja, não pode ser sustentado. Mateus nos diz que Jesus não era um asceta.

Ou seja, ele era frequentemente associado a pecadores desonrosos, 9:10. Ele festejava e bebia, 11:19. No entanto, nesses relacionamentos, Jesus não perdia sua salinidade nem ocultava sua luz.

Sem dúvida, os discípulos não devem encarar levianamente as artimanhas do mundo, da carne e do diabo. Mas a resposta a esse perigo não é o isolamento, mas o engajamento ativo, que leva à conversão de indivíduos e à transformação da cultura. Qualquer coisa menos do que isso é uma truncagem indesculpável do evangelho do Reino.

Bem, ao concluirmos o que já observamos no Sermão da Montanha, creio que somos desafiados pelo fato de que Deus realmente nos impõe uma dupla obrigação. Não podemos dizer que seja muito complicado. Nós nos relacionamos com Ele e com nossos semelhantes.

Assim como Jesus disse mais tarde, quando perguntado sobre qual é o maior mandamento: amar a Deus com todo o nosso ser e amar o próximo como a nós mesmos. As quatro primeiras bem-aventuranças nos mostram como amar a Deus. As quatro últimas nos mostram como amar as pessoas.

Os objetivos elevados que existem podem ser alcançados à medida que somos fortalecidos pelo Espírito e apoiados por nossos irmãos na fé. À medida que vivemos de acordo com essas atitudes e características que já são nossas em princípio por meio da conversão, nos tornamos sal e luz no mundo. Se quisermos ser um bom testemunho, tendemos a fazer o que quer que esteja na moda sobre ser um testemunho.

Mas, no fim das contas, se somos o tipo de pessoa descrita por essas bem-aventuranças, não podemos deixar de ser sal e luz neste mundo enquanto vivemos nele, como pessoas que desejam fazer brilhar a luz gloriosa do evangelho de Jesus sobre uma cultura, sobre um mundo que foi obscurecido pelo pecado. Que o Senhor nos ajude não apenas a compreender a mensagem de Mateus, mas também a nos envolvermos nos ensinamentos de Jesus e a sermos sal e luz.